

“NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA”: RELATO DE UMA PROSTITUTA SOBRE O NÃO ACESSO À UNIVERSIDADE

Patricio de Albuquerque Vieira ¹
Handson Aguiar de Lima Costa ²

RESUMO

Diversos estudos acerca da prostituição discutem a necessidade da ocultação dessa prática por parte de mulheres que precisam proteger suas famílias e, principalmente seus filhos, dos olhares preconceituosos e do estigma social. Diante do desemprego e da miséria, muitas garotas abraçam a atividade prostitucional como uma forma de sobrevivência, tendo que decidir entre o meretrício e a universidade, haja vista que o atendimento aos clientes acontece, muitas vezes, conforme o horário livre deles, fato este que impossibilita a garota de programa organizar seu tempo para dedicar-se a um curso superior. Nesse contexto, o presente trabalho tem por objetivo relatar os obstáculos que impedem uma prostituta paraibana de ter acesso ao ensino superior. Para tal, realizamos uma entrevista semiestruturada com uma prostituta residente em João Pessoa, capital da Paraíba, a fim de identificar as dificuldades enfrentadas por ela que ocasionam o seu não acesso à universidade. As respostas obtidas foram analisadas levando em consideração os fundamentos teóricos de Beauvoir (1980), Engel (2004), Lopes (2023), Pasini (2009), Pereira (1976), Rago (2008) e Vieira (2016), pesquisadores que evidenciam a relação direta do meretrício com a economia. Os resultados deste trabalho apontam para o fato de que os serviços domésticos, a necessidade de cuidar dos familiares, a adequação ao horário disponível dos clientes e o cansaço físico são as principais “pedras” que impedem a profissional do sexo em questão de ter acesso ao ensino superior.

Palavras-chave: Prostituta, Relato, Universidade.

INTRODUÇÃO

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Carlos Drummond de Andrade

A prostituição é um assunto complexo e abrangente, com compreensões e explicações que variam no tempo e no espaço. Discutir tal temática implica em adentrar nas malhas da economia sexual presente em todas as civilizações, o que exige uma reflexão acerca dessa prática multifacetada como dado histórico e construção social.

¹ Doutor em Literatura e Interculturalidade. Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, patricioavieira@hotmail.com;

² Especializando em Educação Física Escolar pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER, handy.lima@hotmail.com.

No tocante à prática prostituinte, diversos estudos discutem a necessidade da ocultação desse ofício por parte de mulheres que precisam proteger suas famílias e, principalmente seus filhos, dos olhares preconceituosos e do estigma social. Diante do desemprego e da miséria, muitas garotas abraçam a atividade prostitucional como uma forma de sobrevivência, tendo que decidir entre o meretrício e a universidade, haja vista que o atendimento aos clientes acontece, muitas vezes, conforme o horário livre deles, fato este que impossibilita a garota de programa organizar seu tempo para dedicar-se a um curso superior.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo relatar os obstáculos que impedem uma prostituta paraibana de ter acesso ao ensino superior. Para tanto, fundamentamos as nossas reflexões nos fundamentos teóricos de Beauvoir (1980), Engel (2004), Lopes (2023), Pasini (2009), Pereira (1976), Rago (2008) e Vieira (2016), pesquisadores que evidenciam a relação direta do meretrício com a economia.

METODOLOGIA

A metodologia empregada na construção deste estudo lança mão da pesquisa qualitativa, uma vez que trabalhamos com descrições e interpretações da fala de uma informante, buscando reflexão e compreensão sobre dados coletados.

Para tanto, utilizamos como instrumento de pesquisa uma entrevista semiestruturada aplicada a uma prostituta de 39 anos de idade, residente em João Pessoa, capital da Paraíba, com o intuito de identificar os obstáculos enfrentados por ela no cotidiano que dificultam o seu acesso à universidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A prostituição é a prática consciente da negociação/troca do corpo por dinheiro ou por outra compensação financeira e/ou material, com a possibilidade de infinitos parceiros e de experiências sexuais diversas (Vieira, 2016, p. 235).

A história nos mostra que a prostituição já foi uma prática respeitada e relacionada a poderes sagrados, mas, com o surgimento da sociedade patriarcal, a independência econômica e sexual das mulheres sofreu restrições e, conseqüentemente, as prostitutas começaram a ser discriminadas:

A prostituição foi encarada de várias formas ao longo da história. De acordo com Armando Pereira, em seu livro *Prostituição: Uma visão Global*, a venda dos serviços sexuais passou por um período sacro, com aspecto místico e tutelar. Num segundo momento, denominado pelo autor de epicuriano, a prostituta assume um papel estético e político. Nessa época, seu trabalho é gerenciado pelo Estado, que cobrava impostos, enriquecendo a elite dominante. No terceiro período, chamado cristão, a prostituta é considerada “leprosa”, em nome da moral e dos bons costumes. Depois dessa época, vem um período de tolerância, quando essas profissionais do sexo são consideradas um mal necessário e submetidas ao controle sanitário mediante força policial. Por fim, surge o período chamado de abolicionista, quando a prostituta é vista como escrava e vítima. Os regulamentos são revogados e a mulher é livre para exercer a atividade (Andrade, 2003, p. 1).

Depreendemos dessa citação que a prostituição teve conotações distintas conforme o passar do tempo. Nesse contexto, são pertinentes as palavras de Rossiaud (1991, p. 13) quando afirma que “a sociedade é que cria a prostituição à sua imagem, ou que os grupos sociais é que geram formas de prostituição adaptadas às suas necessidades”.

De acordo com Carmo (2011, p. 71), o tema da prostituição foi inicialmente discutido pelo apóstolo São Paulo, para o qual, “o corpo, considerado como templo cristão, precisava ser protegido da luxúria proporcionada pelas prostitutas”. Na sua prática evangelizadora, esse apóstolo se deparou com inúmeros ambientes públicos onde a prostituição vicejava, e ao condenar a devassidão, alertou a todos que “profanavam” o corpo sagrado com relações ditas pecaminosas. Segundo o apóstolo, a mulher era responsável pela introdução do pecado no mundo e, somente com a gravidez, ela teria a oportunidade de salvação, de remissão dos seus pecados. Este preconceito injusto e absurdo respondeu pela subalternização e desprezo da mulher durante séculos e contemporaneamente, algumas culturas ainda segregam a mulher para ela não induzir o homem em pecado com a exposição do seu corpo.

O autor salienta ainda que a prostituição foi considerada pela Igreja como pecado menor que o adultério e a homoafetividade, e que somente a partir do século XIII, com os escritos de Santo Tomás de Aquino e Santo Agostinho haveria, na sociedade, uma justificativa para uma atividade contrária aos rígidos padrões morais da época e que se desenvolvia incontrolavelmente entre as pessoas que divulgavam e estabeleciam tais padrões. Vários religiosos comungaram com o pensamento de Santo Agostinho, um dos maiores pensadores cristãos do século V, responsável pela seguinte afirmação:

Assim como o verdugo, por repugnante que seja, ocupa um posto necessário na sociedade, assim as prostitutas e seus similares, por mercenárias, vis e imundas que pareçam, são também necessárias e indispensáveis na ordem

social. Retirai as prostitutas da vida humana e chegareis ao mundo da luxúria (De Ordine, Livro II, cap. IV, *apud* Gaspar, 1988, p. 68).

Ao considerar a prostituição como um “mal necessário”, Santo Agostinho foi interpretado, por muitos membros do clero, como tolerante à prática. Ao entender de maneira equivocada o pensamento desse pensador, parte da representação do clero justificou a prostituição como um mal menor, capaz de proteger as mulheres castas e honestas. Nesse contexto, Carmo destaca que:

[...] a Igreja contava com a prostituta, não apenas no sentido puramente carnal, uma vez que atuava como anteparo da virgindade das donzelas, mas também no sentido espiritual, na medida em que a meretriz concentrava a carga negativa da moral católica, pretendendo-se que as donzelas jamais se espalhassem nela. A valorização da mulher virgem e honrada tinha sua contrapartida na condenação da prostituição (Carmo, 2011, p. 72).

Macedo (2002, p. 62) afirma que, em uma instância, “a prostituição, imoral, colaborava para a sanidade da sociedade, atenuando as tensões e servindo de válvula de escape para as limitações sexuais impostas pela igreja”. Ainda em relação à prostituição feminina, o estudioso ressalta que esta prática também era vista como uma possível solução para a violência juvenil desordenada, pelo menos era o que se comprovava na França. Já na Itália, o ato prostitucional resolvia o problema da homoafetividade masculina, uma vez que as meretrizes concorriam com os homoafetivos para conquistar a preferência dos homens. Por fim, a prostituição foi vista como “um remédio às fraquezas dos clérigos diante dos prazeres da carne. As restrições ao casamento de religiosos, impostos pela Igreja desde o século XII, levaram a muitos padres a viver com concubinas ou a se servir do trabalho das ‘mulheres alegres’” (Macedo, 2002, p. 62).

Nos séculos XVI e XVII, a Igreja “fechava os olhos” diante do ofício da meretriz e agia de forma complacente e compreensiva com os clientes. Contudo, reafirmava que a troca de dinheiro por favores sexuais era pecado grave cometido por todos que estivessem envolvidos na prostituição. Quanto às autoridades, estas mantinham uma postura que oscilava entre a permissividade e a condenação das prostitutas, comprovando a compaixão e a reprovação da sociedade que fazia uso dos serviços sexuais delas (Macedo, 2002, p. 63).

Já a partir do século XIX, a prostituição feminina foi analisada sob duas perspectivas: a primeira diz respeito ao discurso médico, marcada como um espaço de sexualidade pervertida degeneração física e doença, “pois o sexo era concebido como uma atividade orgânica vinculada à reprodução, ou seja, uma necessidade fisiológica” (Nascimento, 2008, p. 24), enquanto a segunda a inscreve na ordem jurídica, associando-a ao crime, por corromper os bons

costumes e a moral burguesa e impedir o progresso e a civilização. Como a prostituição era uma prática difícil de extinguir da sociedade, esta sentiu a necessidade de regulamentá-la. Nesse período, médicos, cientistas e criminologistas defenderam a aplicabilidade controlada da prostituição, porque, mesmo sendo um “mal”, servia de proteção às moças solteiras e às senhoras casadas, evitando que estas fossem submetidas à realização de desejos sexuais masculinos, mantendo, assim, a “honra da família” (Nascimento, 2008, p. 39).

Nesse contexto, Rago (2008, p. 197) acentua o caráter “civilizador” da prostituição na sociedade, “porque aí se realizava a iniciação sexual dos rapazes, rito de passagem para sua abertura à alteridade”. Sob esse ângulo, a prostituição apresenta-se como uma opção para proteção da virgindade das jovens garotas e da castidade das esposas, enquanto os jovens poderiam desfrutar dos prazeres oriundos dos prostíbulos para quando casar dedicar-se totalmente ao lar e aos negócios.

De acordo com Vieira (2016, p. 240), “as prostitutas convivem com o outro na sociedade, construindo sua história de dor e sofrimento, enfrentando preconceitos relacionados a uma antiga profissão inserida numa cultura em que poucos respeitam a diversidade e a liberdade”. Em relação à prática prostituinte, destacamos que:

A prostituição, localizada no âmbito da cultura, se associa a aspectos outros, vivificados no trânsito com o social, que serve de esteio para o plano da história, o que destaca continuamente uma profissão em sintonia com a história dos povos (Nóbrega, 2007, p. 182).

Entendemos que a prostituição é uma profissão tão antiga quanto a história da humanidade. Caracterizada como um fenômeno tipicamente urbano, ela atrai homens que buscam o prazer, tornando-se “um efeito, produto de um meio que beneficia a muitos setores sociais envolvidos, especialmente os homens, que, aliás, jamais foram objetos de problematização ou de ataques quando se tratou dessa experiência” (Rago, 2008, p. 14). Pensando assim, a prostituição serve para atender o prazer masculino, uma vez que em nossa cultura o sexo não é desonra para o homem.

De acordo com Vieira (2016, p. 240), “no submundo da prostituição são jogos sexuais estabelecidos por meretrizes, que na luta para manter a vida, assume esta profissão devido a limitações enfrentadas pela mulher no mercado de trabalho”. Assim sendo, a prostituta é reduzida a condição de mercadoria de compra e venda, abandonando à própria vida, a realização de seus sonhos:

Na prostituição, a mulher se torna destituída de si mesma, procura ancorar-se em um porto suspeito, turbulento, enganador e oscilante. O ancoradouro da mulher de costumes ‘fáceis’ torna-se um submundo imundo, um cenário de aventuras da existência e de feridas dissimuladas. Prostituir-se é como sequestrar-se a si mesma (Ferro, 1997, p. 18-19).

Nessa perspectiva, Vieira (2016, p. 241) destaca que “as profissionais do sexo são reduzidas a objetos de desejo, desprovidas de memórias afetivas, ignoradas ou negadas por praticarem uma sexualidade insubmissa”. Em relação ao modo de viver da prostituta, Simmel (2006, p. 2) reflete acerca da indignação moral que a “boa sociedade” expressa no que tange à prostituição e ressalta que “nada mais falso do que chamar de garotas de vida alegre essas infelizes criaturas” que vivem não para a sua própria alegria, mas sim, para a alegria de outrem.

Ignorar e silenciar as violentas relações sociais estabelecidas na subcultura da prostituição nos âmbitos acadêmicos e políticos é uma maneira de negligenciar os problemas que assolam a vida social (Rago, 2008, p. 14). Desse modo, é necessário encarar o submundo da prostituição, historicizando-o e problematizando-o para que a sociedade não exclua as profissionais do sexo da sua condição de cidadã e de sua participação nas universidades e em todos os segmentos da sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quem usa a prostituição é a sociedade, quem tem dinheiro para pagar por ela ou quem tem algo para trocar. A prostituição, na verdade, é uma troca; se quero usar meu corpo para um serviço sexual, uma fantasia sua, o que tem para me dar em troca?

Indianara Siqueira, prostituta.

Com o intuito de identificarmos os obstáculos que impedem o acesso da prostituta Luísa (nome fictício utilizado para divulgar seu trabalho em um site de prostituição) à universidade, realizamos uma entrevista oral a pedido dela. Algumas dúvidas que ficaram após a entrevista foram retiradas através do WhatsApp. Para nós, Luísa revelou que o desemprego a levou ao exercício da prostituição, trabalho do qual ela retira dinheiro rápido, mas não fácil.

Indagada sobre a possibilidade de fazer um curso superior, Luísa aponta que os serviços domésticos, a necessidade de cuidar dos familiares, a adequação ao horário disponível dos clientes, o uso de drogas por parte dos clientes (às vezes, ela também faz uso para encarar o

sexo) e a falta de apoio por parte do Estado são as principais “pedras” que a impedem de ter acesso ao ensino superior.

Em seu ofício, Luísa refuta a posição de vítima (sabe que pode encontrar emprego no mercado formal), cria e vivencia novas formas de ser e estar no mundo, reinventando a sua história. Ela tem inúmeras dificuldades que a impedem de frequentar a universidade, porém se “educa na noite” através de diálogos, trocas de experiências, enfrentamentos, sociabilidades e negociações.

Por meio dos relatos de Luísa, percebemos que a prostituição “não é vida fácil”, pois há bastante riscos para a saúde e a vida de quem oferece serviços sexuais. Vale informar que a disponibilidade para atender ou ajustar-se aos horários da universidade e a necessidade de se locomover para motéis e pousadas são empecilhos aos estudos, pois não se sabe o horário (nem o local!) que o cliente vai procurá-la para a realização do programa. De acordo com Lopes (2023, p.10), a palavra “programa” faz referência “ao momento em que garota e cliente celebram o contrato estabelecido a partir da negociação previamente feita”. Ou seja: o programa é uma negociação entre o vendedor (a prostituta) e o comprador (o cliente) que comerciam o produto (o sexo).

Luísa destaca que o cansaço físico também é um aliado a sua não promoção à universidade. As suas saídas noturnas (horário em que seus familiares estão dormindo) são constantes, deixando-a sonolenta durante o dia. Ela tem uma rotina de serviços domésticos e sexuais que consome todo o seu tempo, impedindo-a de fazer um curso superior. Além disso, ela precisa ocultar a sua vivência no mundo da prostituição para proteger a família e a si mesma de olhares preconceituosos e atitudes discriminatórias, pois a prostituta não desfruta de trânsito livre na nossa sociedade.

Convém salientar que toda a renda que a informante ganha com os serviços sexuais prestados é destinado às necessidades básicas de sua casa e de sua família, não sobrando dinheiro para o pagamento de um curso superior de uma universidade privada. Na condição de prostituta, Luísa sente-se desamparada pelo Estado, uma vez que não há programas e políticas públicas que apoiem e incentivem a meretriz na busca pela educação superior. Diante do exposto, podemos assegurar que “a vida da puta não é fácil”!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, resta-nos fazer algumas observações. A primeira consiste no fato de que o desemprego e a miséria levam muitas garotas ao exercício da prostituição como uma forma de sobrevivência, dificultando, assim, o acesso e a permanência delas à/na universidade por diversos motivos como, por exemplo, o cansaço físico e a disponibilidade para “atender” aos clientes no horário livre deles.

Já a segunda está relacionada à necessidade de descriminalizar a prática da prostituição e respeitar a prostituta, atribuindo-lhe voz e visibilidade para que ela possa romper com o preconceito que diariamente a acorrenta, afastando de seu caminho a “pedra” que a impede de chegar à universidade. Por fim, é fundamental a criação de programas e políticas públicas que garantam cidadania, dignidade e educação às profissionais do sexo.

No mais, cabe aos novos estudos desmitificar tabus e esclarecer os símbolos relacionados ao corpo prostituído para que os programas sexuais não sejam interpretados de maneira equivocada e a prostituição não continue a ser encarada como uma chaga social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, I. **Prostituição e exploração:** comercialização de sexo jovem. Disponível em <http://www.caminhos.ufms.br/reportagens/view.htm?a=45>. Acesso em 07/maio/2007.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CARMO, P. S. de. **Entre a luxúria e o poder:** a história do sexo no Brasil. São Paulo: Octavo, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas:** sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores:** saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004.

FERRO, E. P. **Prostituição e romance.** Goiânia: UCG, 1997.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa:** prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zarah, 1988.

LOPES, Natânia. **Atuar ou não como prostituta:** programa, etnografia, putativismo. Campinas, SP: Ofícios Terrestres, 2023.

MACEDO, J. R. **A mulher na Idade Média**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O doce veneno da noite**: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950). Campina Grande: EDUFPG, 2008.

NÓBREGA, G. M. A prostituta: mulher de vida ambivalente ou a ambivalência de uma profissão? *In.*: SILVA, A. de P. D. da (org.). **Gênero em questão**: ensaios de literatura e outros discursos. Campina Grande: EDUEP, 2007.

PASINI, Elisiane. Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos de masculinos. *In.*: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E., FÍGARI, C. E. (orgs.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Tradução Marta Avancini. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1993.

PEREIRA, Armando. **Prostituição**: uma visão global. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Devir puta**: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ROSSIAUD, J. **A prostituição na Idade Média**. Tradução Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VIEIRA, Patricio de Albuquerque. Sob a luz do abajur lilás cenas da prostituição e da exclusão social. *In.*: VIEIRA, P. de A. (org.). **Literatura, discurso e ensino**: cruzando caminhos. João Pessoa: Ideia, 2016.